

CARLOS MARCHI

# SENHOR REPÚBLICA

A vida aventureira de TEOTÔNIO VILELA,  
um político honesto

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

*A Yonara,  
minha irmã temporã,  
com amor.*

“Eis por que a salvação do povo  
é a primeira máxima das leis,  
a fonte de onde derivam  
todas as outras.”

*Frei Joaquim do  
Amor Divino Caneca*

“Quem luta contra nós tonifica  
nossos nervos e aguça nossas habilidades.  
Nosso adversário é quem mais nos ajuda.”

*Edmund Burke, em Reflections  
on the Revolution in France*

“Quando o povo teme o governo,  
existe uma tirania; quando  
o governo teme o povo,  
existe liberdade.”

*Thomas Jefferson*

## Prefácio

### Eliane Cantanhêde

O que esperar de um menino que cresceu entre cavalos com nomes pomposos como Presidente, Governador e General, mas, ao ganhar o seu primeiro cavalo, um imponente corcel negro, o batiza de Escravo?

Assim era Teotônio Vilela, um dos dez filhos do Capitão Sinhô e de Dona Bilinha e o único a não concluir um curso universitário. Um irmão cardeal, outro médico, todos e todas com lustrosos diplomas, mas lá vai ele, irreverente, alma indomável, ser boiadeiro na vida, até se tornar o filho mais famoso da família e entrar para a história como “o Menestrel das Alagoas”, que enfrentou a ditadura militar como um radical arauto das Diretas Já.

Como boiadeiro, foram dias e noites, ano após ano, misturado aos peões da fazenda, dormindo ao relento, comendo o que tinha, laçando reses, tomando cachaça, curtindo a pele sob o sol inclemente do sertão. Mas sem jamais abandonar os bons livros, particularmente uma das principais obras de Jean-Jacques Rousseau, *Do contrato social*, uma espécie de bíblia do seu “liberalismo social” — e da sua não religião.

Homem dos extremos, do cavalo Presidente ao cavalo Escravo, da falta de diploma à leitura de Rousseau, da vida na Casa-Grande às aventuras da Senzala, Teotônio “montava em ideias e saía por aí”, como bem definiu o autor deste *Senhor República*, Carlos Marchi, um dos jornalistas mais talentosos e um dos textos mais impecáveis da minha geração.

E foi montando em ideias e saindo por aí que Teotônio trocou o sertão das boiadas pela Brasília do Congresso Nacional e atravessou todo o espectro ideológico, desde o conservadorismo das usinas nordestinas, passando pelo liberalismo de Rousseau, evoluindo para um liberalismo cada vez mais social (de quem conhece, de alma, coração e vivência, os que têm sede e fome), até se deixar levar, literalmente por amor, pelas utopias esquerdistas dos anos 1980.

Na prática, essa travessia cruzou também as siglas partidárias. Da conservadora e rural UDN à Arena da ditadura, até o salto triplo para o MDB de combate ao regime e dali para a fundação do PMDB, meses depois, com o fim do bipartidarismo. Sempre apaixonado e apaixonante, grandiloquente, capaz de discursos eruditos em plenário e de estonteantes cambalhotas na vida.

Casado com Lenita, com sete filhos (inclusive o ex-senador e ex-governador Teotônio Vilela Filho), cativava amigos em ondas, de Fafá de Belém a Henfil, e viveu um romance tardio e intenso, não com uma moça qualquer, mas uma à altura do superlativo Teotônio: Maria Luíza Fontenele, do Partido Comunista Revolucionário (PRC), depois da ala mais à esquerda do PT e, enfim, primeira mulher eleita prefeita de capital no Brasil.

Marchi mergulhou na vida e na alma de Teotônio com o intuito de revelar e decifrar esse personagem espetacular, de rara força moral e política, mas também para caminhar com ele pelos porões da ditadura, pelos estertores do regime militar, pelos bastidores e conchavos das Diretas Já, revivendo momentos, declarações, discursos, movimentos, manifestações e, muito particularmente, personagens. Grandes personagens, que souberam abrir a porta certa da história, vencendo medos e conveniências.

Estão aqui, movendo-se, questionando-se, Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Fernando Henrique Cardoso, Severo Gomes, Pedro Simon, Paulo Brossard... E estão aqui, também, os grandes personagens do outro lado, desde o general Ernesto Geisel e suas idas e vindas

na abertura política, o general João Figueiredo e sua decantada apatia política e Petrônio Portella, o negociador por excelência, até Romeu Tuma, o chefe da polícia capaz de esconder Teotônio no banco de trás do próprio carro para um dos muitos encontros proibidos à época, com o emergente líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva, preso pelo regime.

Desde aprender sobre o belíssimo estado de Alagoas, suas disputas de território, sua opção pela cana-de-açúcar e sua política eternamente passional, até desembarcar numa Brasília amordaçada e viajar pela resistência sobretudo em São Paulo, este livro de Carlos Marchi nos conduz por uma história de lutas e de afirmação que parece tão distante, mas é ainda tão presente — e não acabou.

A tão suada e tão pacífica queda da ditadura não foi um fim, foi apenas um começo. Trinta anos depois, a miséria de tantos ainda dói e envergonha. Ainda há muito o que articular e consertar para que centro, esquerda e direita possam enfim construir um país de fato democrático, justo, inclusivo e apaixonante como sonhou Teotônio Vilela, o homem que mostrou, na prática, que o amor e a política movem montanhas.

# 1

## TÚNEL DO TEMPO

— Pra onde você vai, cabra?

A tonitruante voz de barítono podia parecer ameaçadora, mas sempre verbalizava a aspereza do tom com uma maneira suave e afetuosa, em especial quando falava com amigos. Esses dois elementos eram inconfundíveis e só uma pessoa os sabia juntar com tanta leveza; olhei para o lado e o vi. Andava lentamente pelo tapete azul, passos cuidadosos apoiados na bengala, chapeuzinho de brim sobre a cabeça careca, face encovada que exibia o bigode ralo, gravata mal-ajambrada no colarinho, o sorriso permanente de saudação aos amigos presente nos lábios. Era uma tarde morna, sem muito movimento no Senado, eu saía do Comitê de Imprensa, bem ao lado da construção circular, em mármore branco, onde se encerra o plenário da Casa. Sorri também e respondi que buscava novidades, mas o desânimo na minha frase me condenou e deixou-o entrever que a possibilidade de produzir notícia naquele dia lento era remota. Teotônio Vilela voltou a falar:

— Então vem comigo pra ver uma coisa bonita.

Entramos no “túnel do tempo”, a passagem que liga o plenário aos gabinetes dos senadores, andar lento no rumo do escritório do senador Pedro Simon, seu recôndito e inevitável pouso no Senado depois que seu segundo mandato terminara, poucos meses antes, no início de 1983. No caminho, explicou que acabara de chegar do Rio de Janeiro, onde fizera uma gravação, mas não disse sobre o quê nem onde. Pensei que gravara mais um programa de televisão, mais uma entrevista bombástica, daquelas que faziam tremer as estruturas da ditadura agonizante. Nos últimos tempos, Teotônio era constantemente convocado para essas entrevistas, atropelava a censura velada e até mesmo a pressão que o governo militar despejava sobre as emissoras de televisão para desestimular que o convidassem. Por um lado, a ditadura já não tinha a força de antes; por outro, Teotônio se tornara uma atração nacional. Onde quer que aparecesse e falasse, havia ampla e entusiasmada plateia pronta a ouvi-lo e aplaudi-lo.

Entramos no escritório e encontramos o chefe de gabinete de Simon, Nísio Tostes, um homenzarrão de 1,90m e 100 quilos, dono de uma doçura que contrastava com seu corpanzil de atleta e uma admiração por Teotônio que promovia demorados e caudalosos cumprimentos. Ultrapassados os salamaleques, Teotônio pediu-lhe que conseguisse um gravador. Simon entrou no gabinete ao mesmo tempo que uma funcionária trazia o gravador; lentamente, como se tivesse engendrado uma misteriosa encenação dramática, Teotônio tirou uma fita cassete do bolso do paletó, inseriu-a no nicho do gravador e apertou o *play*. Começaram a surgir acordes de uma canção, e não o som duro de uma entrevista, como pensáramos. Era um arranjo retumbante desde o início e logo reconhecemos a voz de Fafá de Belém. Surgiram os primeiros versos de uma canção que nunca tínhamos ouvido: “Quem é esse viajante, quem é esse menestrel, que espalha esperança e transforma sal em mel...”

(Claro, era nítido que a voz era de Fafá de Belém, mas que música era aquela e o que ela expressava, quem era homenageado em sua letra?) Começou a bater uma leve intuição quando ela entoou



o verso — “De quem é essa ira santa, essa saúde civil...” Olhei de soslaio para Nísio e ele, um ser profundamente emocional, tinha os olhos marejados; instantaneamente, à minha revelia, vi meu controle emocional se esbagaçar e os meus também se inundaram; Simon resistia um pouco mas sua longa experiência com as emoções da política logo o abandonou e seus olhos também marejaram. No fim da canção, a voz de Fafá saiu de cena e ficou apenas o acompanhamento de fundo. Nesse momento, surgiu a voz de Teotônio:

— Esta música é a melodia do povo. Sinto-me dentro dela porque venho fazendo da minha vida o roteiro da liberdade.

Ouvi um soluço forte de Nísio. Comecei a chorar. Simon entregou os pontos e as lágrimas correram pela face, misturaram-se aos pelos do bigode. Refestelado numa cadeira estofada, Teotônio nos olhava e ria, como se gozasse aquela saudade prematura, sem fazer ruído, só ria, num esgar afetoso, sentindo o prazer de ser amado.

As nossas não eram ainda lágrimas de dor, eram lágrimas de celebração, como se nos tivesse tocado que aquela canção falasse de esperança, não de tristeza. Mesmo irreversivelmente doente, Teotônio, aquele vulcão de energia, suscitava esperança, jamais tristeza.

\* \* \*

No começo de 1983, Fafá de Belém saíra da gravadora Polygram e procurava repertório para seu primeiro CD na Som Livre. Numa tarde, ao chegar de viagem e entrar no seu apartamento da rua Haddock Lobo, nos Jardins, em São Paulo, foi diretamente olhar a correspondência acumulada. Entre os envelopes, havia um, pardo, subscrito a mão, com uma letra que ela conhecia bem — era de seu bom amigo e poeta Fernando Brant, letrista de Milton Nascimento. Abriu e encontrou um breve bilhete manuscrito por Fernando e uma fita cassete. O bilhete dizia: “Só você pode gravar.” A fita cassete era um demo de uma música nova, ali cantada por Milton, acompanhado apenas por violão.

Nem guardou as malas; foi diretamente para o aparelho de som, colocou a fita e ligou o *play*. Gostou da música nos primeiros acordes, mas não entendeu o sentido da letra, que falava num dito personagem de Alagoas. Absorta, pensou: “Será que é uma homenagem ao Djavan?” Lembrou-se de que ela e Djavan tinham começado juntos no mesmo disco, que trazia a trilha sonora da novela *Gabriela*. Continuou a ouvir a música, que tocou sua sensibilidade. Quando acabou, concluiu que o personagem da canção não era Djavan. E logo imaginou-se a cantar aquela música com um arranjo que fosse envolvente e, portanto, só poderia ser feito por seu amigo Wagner Tiso, parceiro da dupla que a havia composto. Cansou-se de tentar adivinhar “quem é esse”, bordão por quem a letra tanto clamava.

Pegou o telefone e ligou para Brant, que desfez o mistério:

— Fafá, essa música é uma homenagem a Teotônio Vilela!

— O Teotônio da anistia?

— Sim, o Teotônio da anistia.

Ela se precaveu:

— Mas ele não é da Arena?

O partido do governo não era mais a Aliança Renovadora Nacional, a Arena, tinha mudado seu nome para Partido Democrático Social (PDS), mas Teotônio saíra da Arena quatro anos antes para ingressar no Movimento Democrático Brasileiro, o velho e aguerrido MDB, e naquele momento era filiado a seu sucedâneo, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Fernando completou:

— Não, Fafá. A gente precisa conversar sobre Teotônio Vilela.

Fafá frequentara alguns palanques da oposição, mas não estava atualizada sobre os últimos movimentos da política brasileira e muito menos sobre aquele tal Teotônio, que se fazia merecedor de uma canção hagiográfica composta por Milton e Brant. Fernando não deixou para depois: começou a explicar ali mesmo, pelo telefone, o sentido daquela música. E, à medida que falava, Fafá entendia melhor a canção, que trafegava entre a cabeça e o coração, na voz melancólica de Milton.

Fernando Brant não contou a Fafá, mas a ideia de compor a canção nascera em conversas com amigos do PCdoB. Brant estava na área de influência do partido juntamente com Henfil, atesta hoje o dirigente Haroldo Lima. O partido não lhe fez um pedido objetivo para compô-la, mas a ideia era que a canção, depois de gravada por um(a) cantor(a) de sucesso se tornaria uma alavanca importante na campanha presidencial de Teotônio, quando ela fosse a público. Brant nunca relatou essas ideias colaterais a Milton Nascimento, que compôs a música.

Sugeri que pedissem o arranjo a Wagner Tiso e Brant aprovou na hora. Ali, durante o telefonema, ela decidiu que a música integraria o seu novo disco e começou a imaginar passagens da gravação. Por exemplo, decidiu que tinha de começar com um grito, que seria um símbolo da libertação do cidadão brasileiro ou de comemoração da chegada da democracia. Tiso concordou em fazer o arranjo e logo começaria a escrevê-lo. Convocou o grupo Roupa Nova para fazer o acompanhamento.

Uma assessora assustou Fafá, alertou-a de que aquela música podia “dar problemas”; afinal, o Brasil ainda vivia uma ditadura, embora o combalido Governo Figueiredo tropeçasse nas crises política e econômica, mas os radicais continuavam ali, à volta, rosnando e babando. Fafá considerou prudente levar “o problema” a João Araújo, diretor da Som Livre e pai de Cazuzá. João não fez objeção, pelo contrário, ficou emocionado com a canção e a ideia de incluí-la como carro-chefe do novo disco de Fafá. Mais do que aprovar a música no disco, João aprestou-se a assistir à gravação. Perguntou quando Fafá pretendia colocar voz; seria na semana seguinte.

Numa tarde de agosto de 1983, no estúdio da Som Livre, na rua Assunção, em Botafogo, Fafá tinha acabado de botar voz quando Teotônio adentrou o estúdio, amparado em sua bengala, acompanhado por Miro e João.

Nos últimos tempos, por mais que tivesse participado algumas vezes de comícios da oposição, Fafá sempre lembrava a recomendação do pai e avaliava cuidadosamente cada aproximação com políticos de

muita evidência. Ela não conhecia Teotônio — nunca o tinha visto até então — e ignorava, naquele momento, o grau de sinceridade que pautava sua pregação civilista; afinal de contas, ele fora filiado à velha e golpista União Democrática Nacional (UDN), apoiara o regime de 1964, integrara a Arena e era um usineiro alagoano e os políticos, ah, os políticos não seriam todos iguais? Depois veria que não, que os políticos não são todos iguais, nem são todos desonestos, nem são todos insinceros, nem todos são demagogos.

Quando foi apresentada a Teotônio, a primeira coisa que ela observou naquele senhor alquebrado, com dificuldades notórias para andar, apoiado na bengala, careca da quimioterapia, foi que ele tinha uma contagiante energia. Teotônio e Miro vinham da consulta com Thomas Green Morton; Fafá sempre tivera restrições a curandeiros milagrosos, mas impressionou-se com o odor de almíscar que envolvia Teotônio, um patchuli muito forte, que se acentuava quando ele se emocionava e chegava a inundar o estúdio inteiro. Adiante, quando a conversa ficava amena, o odor quase desaparecia; e logo ficava intenso quando a emoção aflorava em Teotônio. Fosse o que fosse, aquele fenômeno a fazia situar aquela conversa e aquele personagem num patamar místico. Conversaram muito num canto do estúdio, Fafá, Teotônio, Brant (que Fafá convidara para assistir à gravação), Tiso, Miro e João. Uma equipe de reportagem do *Fantástico* filmou a conversa, que iria ao ar dias depois.

Teotônio pediu para ouvir a música recém-gravada. A gravação fora feita, como permitia a tecnologia da época, em três pistas. Segundo esse sistema, era gravada uma primeira base, depois uma segunda e, por fim, uma terceira. Depois os técnicos cotejavam e escolhiam qual seria coberta com cordas. O grito que Fafá imaginou no começo sugeria um aboio e isso foi suficiente para despertar a primeira grande emoção no velho boiadeiro Teotônio, cujo maior prazer era contar histórias dos campos do agreste e ouvir — e cantar

— aboios. Fafá o inserira na abertura sem pensar o que ele poderia sugerir e sem saber que Teotônio fora boiadeiro na juventude e que, até então, amava aboios (aliás, não se dera conta disso até a entrevista que concedeu para esse livro, em outubro de 2016; e, quando eu lhe contei, por alguns minutos ela ficou em silêncio e seus olhos ficaram marejados).

Quando acabou de ouvir a canção, Teotônio disse:

— Eu gostaria de falar algumas coisas. Posso?

Ele queria dizer que queria inserir uma fala dele na gravação. Não era um pedido convencional; só em ocasiões excepcionais uma música tinha uma parte falada e, no arranjo de Tiso, não havia previsão para isso. Todos ficaram entre surpresos e perplexos com o pedido, por um momento, sem saber o que dizer. Fafá olhou para João, mas, antes que ele se manifestasse, respondeu:

— Claro!

Logo se decidiu que a fala entraria antes do encerramento e Fafá faria um bordado vocal incidental ao fundo. Miro se adiantou e propôs:

— Teotônio, vou rabiscar algumas palavras que eu acho oportunas na sua fala.

Teotônio olhou para Miro e disse:

— Escreva.

Sob um silêncio questionador, o cheiro de almíscar inundou o ar; ameaças de antecipadas lágrimas brotaram em todos os interlocutores. Miro escrevia, os outros esperavam. Quando Miro acabou, Teotônio disse a Fafá:

— Você pode levar o papel lá pra dentro, que eu tenho de andar apoiado na minha bengala?

Fafá entrou com ele no estúdio 1 da Som Livre, sentou-o numa cadeira, ajustou o microfone, botou o papel numa mesinha e voltou para o aquário onde todos estavam.

Teotônio não precisou olhar para o papel. Falou de improviso e, sem que ninguém medisse a segundagem, sem que ninguém orientasse a cronometragem, falou exatamente no tempo disponível na gravação:

Esta música é a melodia do povo. Sinto-me dentro dela porque venho fazendo de minha vida o roteiro da liberdade. Sinto-a como qualquer cidadão, em qualquer recanto deste país, como uma verdadeira oração e um apelo ao amor, à esperança, ao trabalho e à coragem.

Quando ele acabou, o aquário era um poço de comoção. Choravam todos — Fafá, Miro, Brant, João, Tiso. Todos se levantaram para buscar Teotônio à porta da sala de gravação. “Ficou bom?” As pessoas aprovaram a fala em uníssono. Ele deu uma gargalhada, Fafá deu outra, daquelas longas e escrachadas que ela costuma dar e que viraram sua marca. Feliz, Teotônio falou: “Minha filha, vou lhe dizer uma coisa. A nossa gargalhada junta pode fazer tremer o chão deste país.”

A canção “Menestrel das Alagoas” entrou solta no disco, não se compatibilizava com as outras, não se encaixava no todo. O disco se chamava *Salinas* — o nome de uma praia de Belém que era a preferida de Fafá. Na capa, Fafá aparece nua, deitada numa poça d’água, uma pose muito pouco política e duvidosamente receptiva para uma homenagem a um homem público singular do cenário político brasileiro; no encarte, aí, sim, há uma respeitosa foto da cantora com Teotônio.

\* \* \*

Envolver-se com política era um movimento natural na vida de Fafá. Na educação recebida pela menina Maria de Fátima Palha de Figueiredo, a caçula numa família de quatro filhos de classe média alta de Belém, dois elementos estiveram sempre presentes: a política e a música. Do lado da família da mãe, todos eram fanaticamente *baratistas*, adeptos de Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, o maior líder político da história do Pará. O avô materno foi o primeiro juiz do interior, designado por

Barata, interventor nomeado pelo ditador Getúlio Vargas. O tio Pedro Moura Palha, seu padrinho, foi senador e deputado pelo velho Partido Social Democrático (PSD) do Pará, também aliado de Barata; em 1966, quando os antigos partidos foram extintos, fez a opção mais difícil: bandeou-se para o MDB e chegou a presidir a legenda oposicionista no Pará. Já o pai era radicalmente anti-Barata.

O confronto de ideias e vinculações se fazia todos os sábados: a partir das 11 horas, na casa da família, juntavam-se em volta de uma garrafa de uísque o tio senador, o governador (e depois prefeito de Belém) Luís de Moura Carvalho, Hélio Gueiros (que também seria governador do Pará, senador, deputado e prefeito de Belém), Barbalhão (Laércio Barbalho, pai do hoje senador Jáder Barbalho), todos admiradores de Barata, e Joaquim Figueiredo. A discussão era sempre sobre política. Quando se cansavam do debate, começava uma roda de violão que varava o dia. No fim, colocavam na vitrola um disco de jazz que chegara pela via marota da base aérea americana. Política e música povoaram, assim, o cotidiano da menina Maria de Fátima.

\* \* \*

A primeira lição prática que a política deu a Maria de Fátima foi dolorosa. No começo dos anos 1960, a família mudou-se para São Paulo, onde o pai foi trabalhar na filial do Banco da Amazônia junto com Bordalo, um amigo que eles sabiam pertencer ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1º de abril de 1964, angustiado com a tensão política e sabedor de que o amigo estava em má situação, o pai de Fafá foi esperar Bordalo na entrada do Edifício Planalto, onde morava a família Figueiredo, uma joia desenhada pelo arquiteto João Artacho Jurado, próximo à Praça da República, no Centro de São Paulo. Dali os dois viram, assustados, os tanques militares que desciam a avenida Nove de Julho. Bordalo não suportou aquela cena: teve um enfarte fulminante e morreu na calçada, à entrada do prédio. Aos 7 anos, a menina Maria de Fátima entendeu que política provocava tragédias.

Uma semana depois, quando Maria de Fátima voltou às aulas, a professora cobrou sua ausência nos dias anteriores. Ela explicou que faltara porque o Brasil sofrera um golpe militar e que agora o país vivia uma ditadura. A professora mandou-a para a diretoria. Lá, Maria de Fátima revelou quem lhe ensinara aquilo: “Meu pai.” Um assustado Joaquim teve de comparecer à escola para dar constrangidas e temerárias explicações sobre o que andara ensinando à filha. Não por causa disso, a família logo voltaria para Belém, onde, nos anos seguintes, Maria de Fátima testemunhou o desaparecimento de vários amigos de seus irmãos mais velhos. Um deles morreria atirado da torre de televisão de Brasília por agentes da repressão. Ficaria ainda mais claro para Maria de Fátima que, além de provocar tragédias, a política matava pessoas.

Em 1970, a família mudou-se novamente, desta vez para o Rio de Janeiro. E ela se surpreendeu então com a alienação das pessoas com os efeitos da ditadura. No Colégio Mallet Soares, onde estudava, ninguém era ensinado que o Brasil vivia uma ditadura militar, que as pessoas eram presas por pregar contra a tirania, que muitas delas eram torturadas e mortas. Esse era um assunto tabu para a grande maioria e, no colégio, para professores e alunos. Na época, a casa de Maria de Fátima tornou-se um ponto de encontro para reuniões musicais de músicos e compositores que tinham vindo de Belém e eram amigos de seus irmãos. De manhã, todos se encontravam na praia, mas o encontro mais habitual era nas noites, na casa da família Figueiredo, até porque muitos dos músicos e compositores caroneavam lá o jantar que seu curto orçamento nem sempre permitia desfrutar nas repúblicas da Lapa em que moravam.

A casa da família, por óbvio, não era um “aparelho” da esquerda, mas lá se falava de política. O melhor amigo de seus irmãos, Paulo André Barata, era um compositor paraense que amadurecia sua obra; e ele atraía outros músicos, principalmente o mineiro Wagner Tiso e o carioca Mauro Senise, todos em busca de emplacar seus sucessos. O primeiro grande amigo de Maria de Fátima também era mineiro:



um jovem 14 anos mais velho do que ela, ensimesmado, tímido. Seu nome era Milton Nascimento, mas todos o chamavam de Bituca; Maria de Fátima o chama assim até hoje. Ele falava pouco, mas tocava um violão primoroso nas parcerias com Paulo André. E sua voz parecia uma cantoria do céu.

A família voltou mais uma vez a Belém e Maria de Fátima manteve o hábito prazeroso de juntar-se aos amigos para cantar nas noites. Como ela era menor de idade, a turma ia para o bar de um amigo que fechava as portas; e lá dentro o grupo cantava e tocava até altas horas. Naquele bar de portas fechadas ela acabou descoberta por um produtor que convenceu seu pai a permitir que ela voltasse para o Rio, agora sozinha, para seguir carreira musical. Autorização dada, como Maria de Fátima não poderia ser nome de cantora em lugar algum do mundo, ela ganhou um nome artístico que, de início, odiou — Fafá de Belém.

\* \* \*

Na carreira musical, Fafá continuou a mesma Maria de Fátima que fora na adolescência. Não vivia ofertando opiniões sobre política, mas sempre que alguém lhe pedia uma opinião, dava, sempre com franqueza. Aconteceu assim em 1982, numa entrevista no programa *Roda Viva*, da TV Cultura. Eram tempos de abertura e de eleições, as primeiras eleições livres para governador desde 1965. De repente, a entrevista enveredou pela política e alguém perguntou: “Você vota em quem?” Pergunta feita, resposta dada: “Meu título é do Rio. Mas se morasse em São Paulo, votaria no senador Franco Montoro (para governador) e no sociólogo Fernando Henrique Cardoso (para senador).” (Fafá confundiu-se: Fernando Henrique fora candidato ao Senado em 1978 e ficou na suplência de Montoro; assumiria o Senado em 1983, exatamente na vaga de Montoro, que renunciara para assumir o governo estadual, para o qual fora eleito em 1982.) Imediatamente,

a luz do estúdio se apagou e a TV Cultura, controlada pelo governo estadual, então comandado por Paulo Maluf, saiu do ar. Não voltaria: mais tarde, alguém veio comunicar que a entrevista e o programa estavam encerrados.

No dia seguinte, João Dória, então assessor de Montoro, ligou para ela e a convidou para um comício do candidato opositor em Jacareí. Relatou que outros artistas e personalidades também participariam, entre eles Dina Sfat, Regina Duarte, Irene Ravache, Ruth Escobar, além de Fernando Henrique. Ela pensou na tradição familiar, no tio senador do MDB, em Bordalo, nos amigos dos seus irmãos assassinados pela ditadura — e aceitou.

Chegou ao comício meio sem jeito, sem saber o que dizer ou fazer, e logo o ex-deputado Almino Affonso puxou conversa; disse que era nortista, como ela, mas de Manaus, não de Belém, e que era pai de um colega de profissão dela (o titã Sérgio Brito). Fafá ficou mais à vontade. Logo percebeu que todos aqueles artistas estavam ali para expressar um engajamento genuíno na luta contra a ditadura militar. Depois teria uma compreensão mais refinada daquele processo: intelectuais e artistas cumpriam, na verdade, um dever de consciência ao falar ao povo, recomendar caminhos, pregar a democracia e pedir voto para a oposição.

A certa altura, deram-lhe um microfone. Ela falou muito e, segundo muitos depoimentos, falou bem. No dia seguinte, o pai telefonou. “Fátima, vejo que você está fazendo política. Cuidado com isso!” E continuou: “Escolha bem as pessoas que terá a seu lado.” Fafá ouviu respeitosamente, mas Jacareí seria só um começo; a partir dali, ela se engajou em incontáveis campanhas políticas, sempre da oposição, sem nunca receber cachê e, em muitos casos, pagando ela própria as passagens de seus músicos.

\* \* \*

Restava pouco tempo de vida a Teotônio, mas dali por diante ele e Fafá ficaram amigos encantados. Não é demais dizer que Fafá foi a derradeira musa platônica de Teotônio e tinha o dom de fazê-lo derreter-se de emoção e melhorar instantaneamente quando sua inconfundível gargalhada avisava que ela chegara para visitá-lo ou mesmo quando o disco, posto no aparelho de som da UTI improvisada no velho casarão do bairro Gruta de Lourdes, em Maceió, tocava *Menestrel das Alagoas*. Quando a ouvia, ele se sentia homenageado, engrandecido, feliz, e o efeito do aparecimento dela provocava uma melhoria mais eficaz do que as obrigatórias doses de morfina que lhe aplicavam para aplacar as dores do câncer renitente e terminal.

Muitas vezes, quando ele piorava, Teotônio Filho ligava para Fafá e pedia que ela fosse vê-lo. Fafá desembarcava em Maceió e Teotônio se renovava. Os dois ficavam horas sentados, conversavam de tudo — política, açúcar, usina, vaquejadas, música, aboios, menestréis, eleições diretas. Numa das vezes em que ela foi, Teotônio estava mal, muito mal, num quase coma. Os filhos discutiam se valia a pena convocar mais uma vez a ação do paranormal Thomas Green Morton, a quem ele recorrera como alternativa de desespero. Teotônio Filho era a favor, José Aprígio, contra. Para fazer uma invocação a distância, Morton cobrava um valor correspondente a 10 mil dólares, na época. Venceu o sim e o filho Elias correu a depositar o dinheiro.

Às 18 horas, uma fita de vídeo com o rito de meditação de Morton foi inserida numa TV colocada no quarto; à mesma hora, de Pouso Alegre, a mais de dois mil quilômetros, Thomas complementaria a oração. No quarto de Teotônio, em Maceió, Fafá assistiu ao rito e conta um ato impressionante: no vídeo, Thomas invocava ventos e, no mesmo momento, ventos uivantes começaram a açoiar a casa. No fim do rito, surgiu do nada e inundou o quarto o mesmo cheiro de almíscar, fortíssimo, que tinha, meses antes, impregnado o estúdio da Som Livre.

Vários amigos foram avisados de que, naquele dia, às 18 horas deveriam estar num lugar de paz e silencioso e, à hora aprazada, mentalizar a figura de Teotônio. Nesse dia, o advogado e então deputado

Marcelo Cerqueira estava em Nova Friburgo e, à hora marcada, pediu a seu cicereiro, o então prefeito Paulo Azevedo, que o levasse a uma igreja. Azevedo estranhou e perguntou-lhe se abandonara as ideias comunistas. Exatamente às 18 horas, o ambiente da igreja foi tomado por um intenso perfume de patchuli, enquanto luzes, como se fossem dezenas de lâmpadas estroboscópicas, espocavam na abóbada. Em Maceió, Teotônio estava desfalecido quando a cerimônia começou e no fim do estranho rito acordou e pediu uma refeição.

\* \* \*

Em 27 de novembro de 1983, no mesmo dia em que o Partido dos Trabalhadores (PT) fendia a unidade das oposições e tentava sozinho assenhorear-se da campanha nacional pelas eleições diretas com um fracassado comício na Praça Charles Müller, no Pacaembu, em São Paulo, Fafá apresentava o show do seu novo disco, com a música-homenagem a Teotônio, às 19 horas, no Teatro Guaíra, em Curitiba. Terminado o show, foi para o hotel, ligou a televisão e, no *Fantástico*, assistiu à notícia de que Teotônio acabara de falecer em Maceió. Ficou paralisada longos minutos, mas logo se refez e começou a ligar para as companhias aéreas, em busca de um voo para São Paulo, de onde poderia partir para Maceió. Não havia mais voo naquela noite.

Fez a mala, fechou a conta no hotel, chamou um táxi e viajou de carro toda a noite/madrugada, diretamente para o Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. No antigo balcão redondo de atendimento, comprava uma passagem para Maceió quando o sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva, que três anos antes fundara o PT, cutucou-a no ombro e disse que podia dispensar a passagem, pois o governador Montoro cedera dois aviões da Vasp — ainda uma estatal paulista, à época — para transportar as pessoas a Alagoas. Um sairia de Congonhas e outro do Rio e ambos passariam por Brasília.

Na triste viagem, foram todos juntos no mesmo avião — Fernando Henrique, Lula, a então deputada Cristina Tavares, Almino Affonso, Montoro e muitos outros políticos. Do aeroporto de Maceió foram diretamente para o velório, onde estava todo o Brasil político, muitos que até não eram aliados ou admiradores de Teotônio, e uma inesperada multidão de alagoanos, como se ali estivesse sendo chorado um *pop star*. Fafá percebeu, a um canto da sala, discreto e cabisbaixo, Fernando Collor, então prefeito de Maceió.

O calor do verão entrante era sufocante, quase insuportável, e intermináveis discursos de homenagem se sucediam, feitos por políticos acalorados sob terno e gravata — o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, o governador de Minas, Tancredo Neves, Montoro e outros. Fafá saiu no momento em que Tancredo discursava. No caminho até o carro, um homem agarrou com força o seu braço, expressão vazia e olhos avermelhados de choro. Disse-lhe abúlico:

— E agora?

Era um nordestino pobre, gente do povo, pele curada, vincada de sol. Ele repetiu:

— E agora, a senhora vai falar por nós?

No primeiro momento ela não entendeu o que ele queria dizer. E o homem:

— Não temos mais ninguém. Ele foi embora... A senhora vai falar por nós?

Ele deixava claro que entendera a romaria política de Teotônio como alguma coisa que poderia melhorar a vida dele e do povo menos favorecido; e que, no súbito desaparecimento de Teotônio, alguém próximo a ele tinha de empalmar seu discurso civilista, senão todos ficariam ao sereno da imprevidência. O homem soltou seu braço, Fafá entrou no carro e foi para a casa da Gruta de Lourdes. Pensava no significado da fala daquele homem; percebeu que a coisa não podia parar por ali. E que, no sepultamento daquele homem que acendera tantas esperanças, o fechamento de sua tumba não devia ter o significado de bloquear as possibilidades da sua luta.

Os filhos de Teotônio foram chegando à casa, o grupo, quase sem conversar, tomou todas as garrafas de cachaça que havia.

No fim da tarde os irmãos se juntaram e presentearam Henfil (o quadrinista Henrique Souza Filho) com o relógio de Teotônio. Disseram que ele merecia ter uma lembrança daquele que fora tão seu amigo. Henfil ficou emocionado e disse que não merecia o presente. No dia seguinte, 28 de novembro, ainda em Maceió, escreveu a seguinte carta aos irmãos Vilela:

Meus irmãos, minhas irmãs,

Estive pensando, comovido como todo palhaço sabe se comover (rindo), no gesto de vocês.

Sabem duma coisa?

Eu mereço, sim! Foi com inteira justiça que vocês me deram a joia.

Ninguém amou o Tonho mais que eu!

Agora poderei olhar para o relógio e perpetuá-lo sempre, dizendo  
HORA! HORA! HORA!

Vocês foram lindos comigo!

Henfil Brandão Vilela

(Quando queria contestar ou ironizar alguém, Teotônio tinha a mania de dizer “Ora, ora, ora”. E Henfil costumava assinar bilhetes atribuindo-se o sobrenome “Brandão Vilela” e a chamar os filhos de Teotônio de “irmãos” e “irmãs”).

\* \* \*

Passaram-se uns dias. Fafá ligou para Teotônio Filho e lhe propôs organizar uma grande manifestação pelas eleições diretas em Maceió no dia 1º de janeiro de 1984. Era a data da confraternização universal e a forte lembrança de Teotônio pairava em todos os am-

bientes populares. Téo discordou. Achava que uma manifestação no dia seguinte ao réveillon pegaria meio mundo de ressaca — e fracassaria. É bem possível que tivesse razão. Fafá falou, então, com o senador pernambucano Marcos Freire. Os dois alinhavaram uma manifestação em Olinda em 4 de janeiro, com as bênçãos de dom Hélder Câmara; de São Paulo os dois viajaram a Olinda para conversar com o prefeito José Arnaldo Amaral, que estava no PMDB, mas era do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Havia um impasse: o prazo era curto para propagandear o comício e encher de povo o Largo de São Bento.

Fafá ligou para João Araújo, na Som Livre, e blefou: disse que faria um show gratuito de lançamento de seu disco em Olinda e, para tanto, precisava de chamadas na TV Globo de Pernambuco. João mandou providenciar as chamadas e a TV Globo — que nos meses subsequentes não cobriria as manifestações das Diretas Já em seus telejornais — anunciou fortemente o show de lançamento do disco de Fafá de Belém, que, na verdade, escamotearia o primeiro comício suprapartidário pelas Diretas Já. O cartunista Henfil, que também fora grande amigo de Teotônio, idealizara o mote das Diretas Já e deu a Fafá a ideia de, ao cantar o *Menestrel*, soltar uma pomba branca como símbolo da pureza democrática.

Uma multidão lotou o largo. Fafá cantou o *Menestrel*; na hora em que entrou a voz de Teotônio, ela soltou a pomba branca e abriu-se à vista do público um enorme painel criado por Henfil, com o mote “De pé pelo Brasil, Diretas Já!” e o desenho esguio da figura de Teotônio erguendo a bengala, como se fosse um quixote nordestino, tão magro quanto seus aliados incondicionais — a Graúna, o bode Francisco Orellana e o capitão Zeferino, heróis impolutos da caatinga e das liberdades gerais.

\* \* \*

Fafá ficaria indissolúvelmente ligada à campanha das Diretas Já e esteve em todos os grandes comícios que arrebataram as maiores manifestações políticas da história do Brasil. Ganhou o apelido de “musa das Diretas”, que o jornalista Augusto Nunes lhe dera e que era disputado ferozmente por outras moças das artes. Em todos os comícios, ela lembrava a figura singular de Teotônio, cantava o “Menestrel” e soltava, em todas as ocasiões, uma pomba branca que seu fiel segurança Blota comprava no box 32 do Mercado de Pinheiros, em São Paulo. Superado o trauma da derrota das Diretas na votação do Congresso, ela se engajaria na campanha civilista de Tancredo Neves para a Presidência da República.

Três dias antes da posse de Tancredo, ela recebeu um telefonema de Armando Nogueira, diretor de Jornalismo da Rede Globo. Ele queria exibir no dia da posse o Hino Nacional Brasileiro entoado por uma cantora popular, como parte de uma campanha para resgatar os símbolos pátrios, como o hino e a bandeira. Armando explicou que convidara outra cantora famosa e que ela fizera muitas exigências que o prazo curto tornava inexecutáveis — como a pretensão de ser acompanhada por uma orquestra sinfônica. Fafá aceitou na hora. Armando explicou a Fafá que já tinha gravado uma base com o violonista e maestro Waltel Blanco e um coral de crianças e que agora precisava inserir uma voz de mulher. Ela aceitou. Ele fez blague:

— Quer uma sinfônica também?

Não, Fafá não queria uma sinfônica; queria uma gravação em que o hino fosse cantado solto, sem ritmo marcado, entoado com suavidade. À capela. Armando perguntou:

— Quando você pode gravar?

A gravação teria de ser naquele mesmo dia porque ela viajaria no dia seguinte para Brasília, onde pretendia assistir à posse de Tancredo. Assim foi feito. A performance foi feita à capela, mas no dia 15 de março simplesmente não foi exibida porque Tancredo não tomou posse. O hino à capela, que era para engrandecer o grande momento da posse do primeiro presidente civil desde 1964, acabou por servir-lhe de mortalha.